

SABADO - Nº 120
13 DE MARÇO DE 1999

DNa



ENTREVISTA: GRACINDA CANDEIAS ■ VARGAS LLOSA: O ORGASMO DO CARNAVAL ■ LIVROS: A ESCRITA CONTRA LEI

O sétimo céu

... É PARA ONDE KATHARINE HEPBURN OLHA. O SÉTIMO CÉU É O DA SÉTIMA ARTE. HÁ MELHOR LUGAR PARA A ETERNIDADE DO QUE UMA PLATEIA DE CINEMA? NA SEMANA DOS 70 ANOS DE ÓSCARES, UMA VIAGEM AO PASSADO DA IMAGEM (SEM CAIXA...) QUE MUDOU O MUNDO

A primeira cerimónia de atribuição dos Oscars foi há 70 anos. Agora que estamos à beira da atribuição dos prémios destes anos, no próximo dia 21, o DNA não faz prognósticos nem dá palpites. Faz, antes, a comemoração da memória lustrosa destes anos, os do cinema falado

TEXTOS DE TERESA MAIA E CARMO COM PAULO CARMO
FOTOGRAFIAS ARQUIVO DN

Chegámos outra vez a um número redondo no que respeita aos Oscars. Não fazemos prognósticos, aprendida que está a célebre lição bolística que ensina que estes só se fazem no fim do jogo. Mas celebramos. É um tchim-tchim inteiramente subjectivo que não é mais do que uma das maneiras de ler a história dos prémios mais importantes da História da cinema – existem seguramente outra dez mil formas de o fazer. Escolhemos as figuras que mais marcaram cada período de cinco anos ao longo destes setenta, a par dos acontecimentos emblemáticos de cada um desses períodos da História deste século propriamente dita.

Chama-se lustro a um período de cinco anos, o que não poderia ser mais adequado ao assunto em questão. Senão vejamos os significados que o dicionário nos dá da palavra: brilho, ardor, celebridade, cintilação, clarão, distinção, fama, fogo, frescura, glória, fulgor, lampejo, lume, luz, pompa, sumptuosidade, esplendor. Então, está explicado, este memorando – a fórmula sempre utilizada pelo senhor David O. Selznick – tinha de ser dividido assim. Deixamos imensa gente de fora, evidentemente, como de resto a Academia sempre fez.

Os factos contam que a origem da ideia é atribuível a Louis B. Mayer da MGM, o tal que se gabava de ter mais estrelas do que as que existem no céu – e era verdade. Foi ele que impulsionou a criação da Academy of Motion Pictures Arts and Sciences, criada a 4 de Maio de 1927. Teve como primeiro presidente o actor Douglas Fairbanks. A inconfundível estatuetta do Oscar foi desenhada por Cedric Gibbons, «art director» da MGM, cuja carreira foi premiada com 11 bonecos, entre eles pela mais ousada versão do Tarzan («Tarzan and His Mate», de 1934). A primeira cerimónia de atribuição dos Oscars, no entanto, só aconteceu a 16 de Maio de 1929, premiando os filmes referentes a 1927-28. Só para que conste, o melhor filme foi «Wings»/«Asas», o realizador premiado foi Frank Borzage e os actores Emil Jannings e Janet Gaynor.

Começava uma longa história de equívocos, injustiças e injustiças como é próprio de uma coisa feita pelos humanos. A Academia muitas vezes premiou tarde e nem sempre bem. Faz parte do seu charme ter no curriculum faltas como a não distinção de grandes divas da história do cinema, como a Garbo e Dietrich, ou o reconhecimento escandalosamente tardio de talentos como os de Bogart, Gene Kelly, Mankiewicz, Taylor, Newman ou Hitchcock. Mas também a caracterizam golpadas de «zeitgeist» que a fizeram premiar na altura certa filmes como «Há Lodo no Cais» ou «O Silêncio dos Inocentes», para grande chaticice dos críticos e previsionistas militantes.

A questão agora, que acabámos de comemorar os

100 anos de cinema e chegamos ao fim do milénio, é pensar no cinema falado. A melhor maneira de o dizer seria mesmo chamar-lhe «talkies» ou «le parlants», pois o nosso termo «o sonoro» é bastante incorrecto: os filmes nunca foram mudos. É tempo de olhar para trás e perceber o essencial para lá das imagens. É que o melhor do cinema é o que não se vê, é mesmo o que não se ouve, esta é a verdadeira arte da elipse.

Os limites da linguagem falada foram bem definidos pelo mais fim-de-século dos realizadores. Jean Luc Godard, que se refere sempre a um mundo em ruínas, dizia: «entre eu sentir frio e dizer -'eu tenho frio'- algo se perde. Porque 'eu tenho frio' é algo que pode ser dito por qualquer pessoa. No processo de dizer se perde a minha individualidade». E, no entanto, as palavras ditas ainda são o melhor instrumento para suturar a ferida da dificuldade de comunicar. «Quando um som pode substituir uma imagem, suprime-a ou neutraliza-a». O ouvido vai muito mais para dentro, o olhar para fora», nas palavras de Robert Bresson.

Termos escolhido, ainda, manter alguns dos diálogos inesquecíveis destes 70 anos de cinema em inglês também entra por aqui. Lamentamos, não gostamos de abusar dos estrangeirismos, mas a verdade é que a difusão do inglês está para sempre associada ao cinema americano. Esta é a língua natal do cinema, facto reconhecido até pela «nouvelle vague». Entre o cinema e o inglês há um caso de amor fatal e eterno, até ver, como testemunham as inúmeras palavras que este lhe ofereceu e popularizou, como zoom, trailer, flashback, suspense, vamp, sex symbol, sex appeal e, naturalmente, star. Como cantam os Clá, «a língua inglesa fica sempre bem e nunca atraígo ninguém».

Agora que fomos contaminados por uma carência de verdade generalizada, graças à emergência do mundo digital que nos predispõe em cada minuto a desacreditar do que vemos, chamamos Fox Mulder e o seu cartaz afirmativo «I want to believe». Quem não quer acreditar? Mulder, aproveitando um minuto de ausência de Scully, acaba de se cruzar com Vivien Leigh, que lhe disse com a cara da Blanche Dubois de como dependeu sempre da «kindness of strangers». Fez um trejeito, pôs a mão na anca e acrescentou, na sua melhor pose de Scarlett O'Hara, um misterioso «after all, tomorrow is another day». Se o cinema acabar como o conhecemos, temos sempre um dos melhores prazeres que nos resta, o da memória, nas páginas que se seguem. O que será, será, o futuro é um negócio entre deuses e profetas, deixemo-los em paz por uma vez. Quando tudo for de mentira nas imagens, sabemos que uma ponta de verdade se escapou e está lá num cantinho, insidiosa como só a verdade sabe ser. Quanto ao mais, Rhett Butler dixit e nós subscrevemos: «Frankly, my dear, I don't give a damn». ■

Memorando Especial Oscars